

Brasil, a Eldorado do terceiro mundo

Nas terras altas da atual Colômbia, os Muiscas realizavam um ritual para marcar a ascensão de seus líderes. O novo cacique era coberto com pó de ouro fino e, em uma balsa repleta de oferendas, navegava até o centro do Lago Guatavita. Ali, mergulhava nas águas enquanto jóias, pedras preciosas e objetos de ouro eram lançados no lago, em um tributo aos deuses e à natureza. Para os Muiscas, essas oferendas não representavam riqueza material, mas sim uma conexão sagrada entre o humano e o divino.

Os conquistadores espanhóis, porém, interpretaram mal o relato indígena. Em vez de um ritual espiritual, imaginaram um reino inteiro coberto de ouro – o mítico El Dorado. Expedições foram organizadas, mapas improvisados surgiram e exploradores enfrentaram florestas e rios em busca de uma cidade dourada. No entanto, o reino dourado nunca existiu, e ninguém enriqueceu dragando o Lago Guatavita ou devastando a floresta.

Mas e se, nos dias de hoje, os estrangeiros finalmente tivessem encontrado seu El Dorado? E se o Brasil fosse o equivalente moderno dessa lenda, um “reino dourado” para os investidores internacionais?

De forma concreta, o Brasil não é um reino de ouro. Mas, analogicamente, tornou-se a “Eldorado” dos estrangeiros. A BlackRock recentemente afirmou que o Brasil está “perfeito para aquisições”. E o que talvez nós não soubéssemos – mas eles certamente sabiam com antecedência – é que os ativos e empresas brasileiras entrariam em “promoção” com a desvalorização do real.

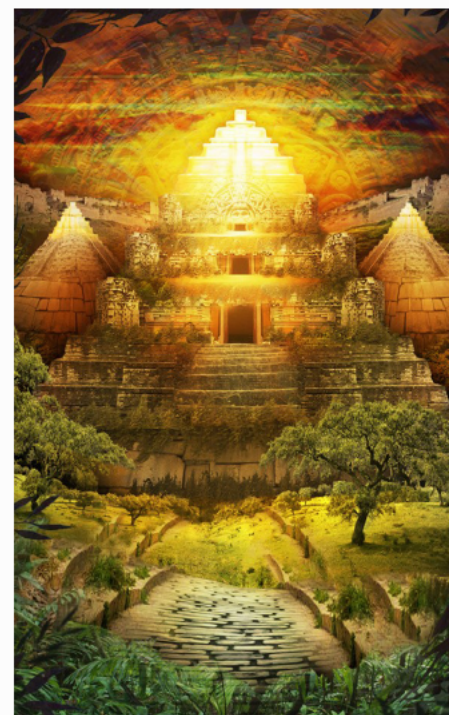
Haddad anunciou cortes de gastos em rede nacional, mas, sem abrir mão do populismo, também ampliou a faixa de isenção do imposto de renda. O mercado enxergou nessa medida uma queda na arrecadação e, prevendo o déficit do governo, reagiu imediatamente: o dólar disparou, e ativos brasileiros passaram a custar “preço de banana”.

Com essa pressão, Lula terá de cortar ainda mais gastos – mas, após anunciar a isenção em rede nacional, a medida já chegou ao conhecimento da população. O resultado? Provavelmente o dólar terá uma leve queda no futuro, e quem comprou ativos durante a desvalorização terá lucros significativos.

Portanto, não seria essa uma espécie de Eldorado contemporânea? Uma máquina de multiplicar riqueza para investidores estrangeiros, ainda que às custas de um “povo desavisado”.

O “Janjapalooza”, os gastos com a agenda verde via PAC e o desrespeito ao teto de gastos revelam não apenas incompetência administrativa, mas um plano mais complexo para a América Latina. A desvalorização da nossa moeda – causada por gastos públicos, dívida

- Não seria o Brasil o paraíso do rentismo e investimento estrangeiro?
- Essa alta do dólar possibilita a compra subvalorizada de ativos e ações de empresas brasileiras.
- A blackrock disse há poucos dias que o Brasil estava perfeito para aquisições.



externa e políticas equivocadas – mantém nossos ativos subvalorizados, desvalorizando também nossa produção e trabalho frente às potências globais.

Hoje, o Brasil já é um paraíso para o rentismo. Mas o sonho molhado da elite liberal globalista é maior: pagar nossa dívida externa com a Amazônia.

Imagine um presidente liberal, sofisticado e alinhado com as tendências do mercado. Ele vê no mercado de créditos de carbono uma oportunidade para resolver a dívida externa enquanto cuida da Amazônia e "salva a humanidade". Para o mundo, ele seria um herói. Para os investidores estrangeiros, o Brasil seria o paraíso.

E assim, a "nova Eldorado" se torna realidade – não para os brasileiros, mas para os estrangeiros.

